

CALAMIDADE NO RS

Especialistas fazem alerta e Fatima pede união pelo dique

Dário Gonçalves

dario.goncalves@gruposinos.com.br

Representantes técnicos das prefeituras de Novo Hamburgo e São Leopoldo, e promotores do Ministério Público (MP) das duas cidades estiveram reunidos com especialistas do Instituto Militar de Engenharia (IME), no sábado (11), quando foram projetadas ações para a reconstrução do dique no limite dos dois municípios. A estrutura – construída pelo Exército na década de 1970 – que protege do avanço das águas do Rio dos Sinos sofreu transbordo. O encontro, que ocorreu no MP-NH, também contou com a presença do Crea/RS e de professores de engenharia.

Os especialistas do Instituto Militar de Engenharia (IME) – entre eles a professora de pós-graduação Maria Esther Soares Marques, especialista em Geotecnia e que atou na empresa que construiu o dique – sediado no Rio de Janeiro, que vieram a Novo Hamburgo a pedido da prefeita Fatima Daudt. A equipe técnica do IME chegou sexta-feira, analisou a situação e fez alertas e sugestões.

Risco

Entre os pontos repassados na reunião com o MP, alertaram para a fragilidade do dique e o grande risco de se utilizar sua crista como caminho de trânsito pesado para chegar próximo da casa de bombas, na Santo Afonso – para ações no dique, na área de São Leopoldo.

Conforme eles, a obra que está sendo feita agora por São Leopoldo não possibilita o retorno a curto prazo das famílias, pois requer o bombeamento das águas com bombas flutuantes. Citaram ainda as águas do Arroio Gauchinho e as chuvas.

Dizendo-se preocupada com as infiltrações, Fatima pede que haja uma união de esforços para agir com rapidez e responsabilidade.

“Nós temos que agir de forma responsável, a decisão de continuar ou não esses trabalhos (que estão sendo feitos por São Leopoldo) é do Ministério Público e isso ainda não foi no passado.



Reunião no final de sábado no MP em Novo Hamburgo envolveu técnicos das prefeituras de NH e São Leopoldo, promotores das duas cidades, Crea/RS e professores de Engenharia

Eu fiz aquilo que considero que seja responsável. Não é uma obra rápida, não é uma obra de uma semana, é uma operação que requer tempo”, declarou Fatima à Rádio ABC 103.3 FM na tarde deste domingo (12).

Estiveram em Novo Hamburgo os professores do IME Maria Esther Soares Marques; o coronel da reserva Marcelo de Miranda Reis, professor na área de Recursos Hídricos; e o tenente-coronel Adriano de Paula Bandeira, chefe do Comando Regional de Obras da 3ª Região Militar e professor de Engenharia Civil.

Segurança

Conforme a prefeita de Novo Hamburgo, há 15 mil pessoas da Vila Palmeira, na Santo Afonso, diretamente impactadas pelo dique e em algum momento precisarão voltar com segurança para casa. Número semelhante, ou maior, em São Leopoldo.

“Estamos lidando com vidas. Precisamos pensar na segurança das pessoas. Por isso, é preciso que os técnicos das duas prefeituras trabalhem juntos nesta questão do dique”, enfatizou Fatima.

Na madrugada, início da manhã do dia 3 de maio, a Prefeitura alertou moradores com carros de som para que deixassem as suas casas na Palmeira. Milhares saíram antes que a água subisse.



Leia mais sobre os efeitos da enchente no RS em abcmas.com.br/catastrofe



Caminhões trafegavam sobre a crista do dique no domingo

+ Vanazzi diz: “a população não pode ficar esperando”

Também à Rádio ABC, o prefeito de São Leopoldo, Ary Vanazzi, enfatizou a urgência das obras emergenciais no dique para conter as cheias. De acordo com ele, todos os documentos oficiais do dique estão disponíveis nos arquivos municipais, e as obras emergenciais são embasadas neles com o objetivo garantir a segurança estrutural sem causar danos à sua integridade.

“Eu não posso não fazer essas obras emergenciais, porque se eu não faço, nós vamos ficar 60 dias com essa água (...). Não tem outra alternativa, a população não pode ficar esperando um estudo técnico, detalhamento... são obras emergenciais”, relatou.

Vanazzi disse que, após a contenção emergencial, serão realizados estudos técnicos detalhados para desenvolver projetos mais estruturados e permanentes. Isso incluirá elevar a altura do dique e melhorar sua base, medidas que demandarão recursos e tempo para implementação. “Agora, o que estamos fazendo é resolvendo um problema urgente para retirar a água que não tem para onde sair”, complementou.

Caminho emergencial

No encontro, especialistas indicaram que o adequado seria construir um caminho emergencial até o local, a exemplo do que foi feito na BR-116. O consenso entre todos os técnicos foi de aproveitar cotas mais altas de algumas ruas da Vila Palmeira e aterrar partes necessárias na construção de uma rampa para chegar até o dique junto à Casa de Bombas. Com isso, os caminhões carregados circulariam pela rampa e retornariam vazios pela crista do dique. Entre as ruas a serem utilizadas para isso estão a Leopoldo Wasum e a Hugo Erni Feltes.

Fim de semana de chuva, limpeza e preocupação

DÁRIO GONÇALVES/GES-ESPECIAL



Com a volta da chuva, moradores do bairro Santo Afonso convivem com a incerteza. Desde sábado, Anilson Flores e Juci Frazão dedicam seu tempo à limpeza da casa. Enquanto Fernando e Liliane Frazão, Franciele Soares e Maicon Frazão ainda aguardam a água recuar para voltarem para casa. Com a chuva, no entanto, o medo é de que o trabalho seja em vão. “A água está voltando a subir e não há como fazer uma previsão. Ela nunca chegou aqui, então significa que ela pode voltar”, comenta Anilson.

JULIANA NUNES/GES-ESPECIAL



Moradores de Canudos passaram a manhã de sábado (11) tentando limpar e organizar residências, comércios e igrejas. O pedreiro Derli da Silva Moura, 55, e a esposa, a dona de casa Ironita de Mello Vieira, 55, limpavam a Igreja Evangélica da Rua Presidente Costa e Silva. A casa deles, na Rua Leopoldo Rodrigues, foi alagada e eles estão em um abrigo. “Não temos mais cama para dormir, não temos mais fogão, não sabemos como vai ser”, conta Derli.

DÁRIO GONÇALVES/GES-ESPECIAL



Natália Moreira e Matheus Correa do Grupo de Resgate Animal de BH já resgataram mais de 150 animais em Novo Hamburgo



Enquanto barcos ainda eram a única opção de transporte na Santo Afonso, carros eram arrastados, levados de um lado para outro, como esses na Rua México, na Santo Afonso